



“O QUE QUER UMA MULHER?”: UMA EXPERIÊNCIA PARRHESIÁSTA EM TORNO DOS ENIGMAS DA FEMINILIDADE

Miriam Izolina Padoin Dalla Rosa¹

Ester Maria Dreher Heuser²

Resumo: Em resposta à questão “afinal, qual é a tese da tua Tese?”, esta tese afirma que a *parrhesía* se contrapõe à submissão e ao sofrimento psíquico, possibilitando a invenção e a expressão da feminilidade, seja por meio da palavra falada ou escrita. Portanto, estuda o conceito de parrhesía relacionado com a mulher, por meio das práticas do franco-falar sobre si, que são operadas em sua construção da feminilidade. Suas principais referências bibliográficas são os últimos três cursos desenvolvidos por Foucault e textos psicanalíticos de Freud a Lacan. Seu objetivo é discutir os enigmas da feminilidade a partir da questão posta pela clínica psicanalítica “O que quer uma mulher?”, em sua articulação ao conceito de *parrhesía* elucidado por Foucault. Elegeram-se a narrativa literária *Antígona*, peça de Sófocles; *O Caso Dora*, texto em que Freud relata clinicamente a história de Ida Bauer; referências a Safo de Lesbos, Aspásia de Mileto, Hildegarda de Bingen, Christine de Pisan, Mary Wollstonecraft, Marie-Olympe de Gouges; Lou Andreas-Salomé, Gabriela Mistral e da brasileira Nísia Floresta, Mulheres *parrhesiástas* que desconfiaram da solidez das formulações teóricas clássicas, patriarcais, fortemente excludentes, apostando, com irreverência, nos caminhos tangenciais. Ao final, a Tese discute o gozo suplementar como próprio da sexualidade feminina, sustentando uma posição de abertura para o ‘querer’ da mulher, manifestado em ato por meio da *parrhesía*.

Palavras-chave: Feminilidade. Foucault. Gozo. Parrhesía. Psicanálise freudo-lacaniana.

Abstract: In response to the question “After all, what is the thesis of your Thesis?” This thesis states that *parrhesia* opposes submission and psychological suffering, enabling the invention and expression of femininity, whether through the spoken or written word. Therefore, it studies the concept of parrhesia related to women, through the practices of speaking openly about oneself that are operated in the construction of femininity. Its main bibliographical references are the last three courses developed by Foucault and psychoanalytic texts from Freud to Lacan. Its objective is to discuss the enigmas of femininity based on the question posed by the psychoanalytic clinic “What does a woman want?” in its articulation with the concept of parrhesia elucidated by Foucault. The literary narrative *Antigone*, a play by Sophocles, was chosen; *The Dora Case*, text in which Freud clinically relates the story of Ida Bauer; references to Sappho of Lesbos, Aspasia of Miletus, Hildegard of Bingen, Christine of Pisan, Mary Wollstonecraft, Marie-Olympe of Gouges; Lou Andreas-Salomé, Gabriela Mistral and the Brazilian Nísia Floresta, Parrhesiást women who distrusted the solidity of classical, patriarchal, strongly exclusionary theoretical

¹ Psicanalista. Doutora em Filosofia pela UNIOESTE/PR. Docente da Pontifícia Universidade Católica do Paraná, campus Toledo/PR (Graduação e Pós-graduação). E-mail: miriam.rosa@pucpr.br

² Orientadora. Docente-pesquisadora na Filosofia da UNIOESTE/PR (Graduação e Pós-graduação); linha de pesquisa Ética e Filosofia Política. E-mail: esterheu@hotmail.com

formulations, irreverently betting on tangential paths. In the end, the Thesis discusses supplementary enjoyment as characteristic of female sexuality, supporting a position of openness to the woman's 'want', manifested in action through parrhesia.

Keywords: Femininity. Foucault. Enjoyment. Parrhesia. Freud-Lacanian psychoanalysis.

Esta Tese ocupa-se de “enigmas da feminilidade na mulher” e compreende ‘enigma’ como sinônimo de ‘indagação’, no sentido explorado por Giorgio Colli (1992), em *O nascimento da filosofia*, no qual nos faz saber que enigma esteve associado à ambiguidade e à hostilidade, no pensamento apolíneo, e teve grande relevância para a civilização arcaica da Grécia em relação às origens da sabedoria. Citando uma passagem do *Banquete* de Platão, Colli evidencia a ideia de que, mesmo aqueles que convivem por muitos anos juntos, ainda assim não sabem o que querem um do outro, permanecendo um tipo de enigma na convivência. Com Aristóteles, Colli apresenta o conceito de enigma como uma contradição em que estão associados elementos da realidade às coisas impossíveis. Em nossa pesquisa, nos referimos a enigmas não como se a feminilidade fosse um conceito obscuro, ou como efeito de uma impotência para enunciá-lo. Enigma nos indica abertura para a criação de respostas singulares, assim como Colli o descreveu: abertura para a invenção do saber ou aquilo que provoca o nascimento de um saber.

O objetivo da Tese é discutir os enigmas da feminilidade a partir da questão posta pela clínica psicanalítica “*O que quer uma mulher?*” [*Was will das Weib*], em sua articulação com o conceito de *parrhesía* elucidado por Foucault. Problematizamos, portanto, a sexualidade feminina sob o domínio dos dispositivos de saber-poder e a feminilidade a partir de experiências de mulheres que exerceram a *parrhesía*. Para isso, partimos do *querer* enigmático de Antígona e o relacionamos com o enigma que a mulher engendrou na teoria psicanalítica, considerando que foi no momento de passar da teoria do desejo da mulher para o *querer* propriamente dito, o *querer* posto em ato, que a bússola da psicanálise enguiçou. Desde sua origem, essa indagação mobilizou estudiosos acerca da feminilidade; de nossa parte, nesta pesquisa, a articulamos ao conceito de *parrhesía* com vistas a ‘desenguiçar’ a bússola psicanalítica e, quiçá, abrir outras possibilidades para problematizar a questão “O que quer uma mulher?”.

Para tanto, consideramos, nesta investigação, o conceito de gozo feminino proposto por Jacques Lacan, em sua releitura da clínica psicanalítica freudiana. Discutimos o equívoco de Freud a respeito da sexualidade feminina, por meio do Caso Dora, evidenciando que o enguiço de sua bússola esteve em priorizar a questão do objeto, não considerando, desde o início do tratamento, a divisão subjetiva em Ida Bauer: Freud se pergunta ‘o que Ida deseja’ antes de se perguntar ‘quem deseja em Ida’. Esse debate é fundamental para ‘desenguiçar’ e sustentar a

direção do tratamento em psicanálise. Além disso, evidenciamos a feminilidade a partir de experiências de mulheres que exerceram atos *parrhesiásta*s, na medida em que ousaram enfrentar leis sociais, morais e científicas em sua época, por meio de práticas do franco-falar sobre si mesmas. A Tese compreende e afirma que esse ato se contrapõe à submissão e, ao mesmo tempo, exerce a função de evitar o sofrimento psíquico de mulheres que cedem frente a seu desejo.

Esta pesquisa é composta de quatro seções. A primeira – “*Parrhesía e Ato Parrhesiásta*” – discute a posição *parrhesiásta* de Antígona, que não cede de seu desejo. Nela apresentamos como a personagem principal, com seu ato de coragem, enfrenta, de modo *parrhesiásta*, a tirania de Creonte, mais as leis políticas e sociais na polis. Para isso, fazemos uso dos três últimos cursos, proferidos entre 1981 e 1984, por Michel Foucault, no *Collège de France: A hermenêutica do sujeito* (2010b), *O governo de si e dos outros* (2010b) e *A coragem da Verdade* (2011). Com o texto *O governo de si e dos outros* (2010b), discutimos a prática de se ocupar consigo mesma, não como uma simples preparação momentânea para a vida, mas como uma forma de vida. Apreendemos a *parrhesía* como um exercício das práticas de vida entre os gregos e, a partir disso, constatamos que conhecer é mais do que descobrir, é inventar. Em *A coragem da Verdade* (2011), Foucault evidencia que, entre os gregos na Antiguidade, somente os homens seriam considerados capazes de praticar a *parrhesía*, pois somente um homem poderia falar a verdade. Entretanto, defendemos que as mulheres também praticam a *parrhesía*, assim como fez Antígona; portanto, as mulheres também são *parrhesiásta*s. Analisamos os atos de Antígona também a partir da leitura de Kathrin H. Rosenfield (2002). Em *Sófocles e Antígona*, essa autora apresenta a tragédia grega como aquela que reflete a organização social, a maneira grega de governar e de fazer justiça. Ao mesmo tempo, dá visibilidade a novos modos de conter conflitos, a outras maneiras de viver e agir e, ainda, de encarar as contradições fundamentais da existência humana. Com Antígona, discutimos a tragédia nos elementos principais apresentados por Sófocles em torno de uma mulher que encarna um Outro irrepresentável e absoluto, pois seus atos não são compreensíveis.

Na segunda seção – “Discursos de saber e poder sobre a mulher” –, discutimos o conceito de histeria, a partir dos discursos de saber e poder sobre a mulher, que provocam submissão e sofrimento psíquico desde Hipócrates. Com Foucault, investigamos como o poder e suas tecnologias atuaram e atuam sobre os corpos femininos construindo subjetividades, interrogando o lugar de sujeição e docilidade atribuído à mulher na Modernidade. Evidenciamos os dispositivos do poder patriarcal dos séculos XVIII e XIX, período regido pela imposição de códigos de conduta, transformações sociopolíticas e científicas. Para isso, partimos da *História*

da Sexualidade (2018); *História da loucura na idade clássica* (1972); *Microfísica do poder* (2006); *Aulas sobre a vontade de saber* (2014); e *A coragem da Verdade* (2011).

Nessa seção, com Thomas Laqueur (2001), evidenciamos que até a Renascença o prazer de homens e mulheres foi considerado fundamental para a reprodução. Entretanto, a ciência médica deixou de pensar o prazer feminino como importante para a reprodução, estabelecendo a ideia de que o homem teria necessidades sexuais e a mulher teria somente necessidades afetivas, indicando a maternidade como sua fonte exclusiva. No século XVII, se deu a invenção da aptidão do útero: os anatomistas reformularam as teorias de Galeno, a partir de novos desenhos do esqueleto feminino, definindo os ideais de masculinidade e feminilidade emergentes e atribuindo valor ao útero. Rejeitaram, com isso, a hipótese de que os órgãos femininos seriam imperfeitos e monstruosos, passando a identificá-los como sexualmente perfeitos. O principal efeito disso foi o útero passar a ser tratado como um órgão nobre. Por outro lado, a maternidade passou a ser considerada um ideal ao qual as mulheres deveriam corresponder.

Com Silvia Nunes (2000), reconhecemos que não foram as descobertas científicas que caucionaram a hipótese de um dismorfismo, ou defeito original na mulher, e sim as transformações das condições sociais femininas. Tais transformações contribuíram para a mudança da percepção médico-científica sobre a mulher, ou seja, a distinção das particularidades do sexo da mulher em relação ao do homem foi mais uma preocupação filosófica e moralista do que de cientistas. Entretanto, com os avanços da ciência se consolidaram as hipóteses de uma inferioridade nas mulheres, o que manteve o pensamento de que essas deveriam ocupar uma função social complementar à do homem.

Todavia, no século XIX houve uma impossibilidade de pensar a igualdade social e política para os dois sexos. Nesse sentido, as diferenças anatômicas estariam na base de uma harmonia familiar e social. A determinação cada vez mais forte das diferenças sexuais, porém, deu forma ao modelo de feminilidade em que as mulheres com características sensuais ou *putas* foram consideradas socialmente como repugnantes, aviltadas, feias. De outro lado, estariam as *santas* ou mulheres-mães, que sustentariam um conjunto de virtudes femininas associadas ao pudor e à castidade. Assim, renegando todo o aspecto sexual exuberante da feminilidade, fundou-se um ideal de feminilidade frágil, atribuindo à mulher a condição de dependência, ou complementaridade, ao homem. Nesse sentido, a medicina, a partir da identificação das etapas fisiológicas da sexualidade feminina, contribuiu para a criação da ideia da mulher eternamente doente, no século XIX. Por ser afetada pela gravidez, parto, aleitamento, menstruação e menopausa, ela deveria ser poupada das atividades sociais e políticas, já que sua função primordial era a maternidade.

Apontamos as contradições acerca das teorias sobre a sexualidade feminina. A ovologia, em pleno desenvolvimento no século XIX, estabeleceu que o prazer feminino não era necessário à fecundação. O ovário tornou-se o principal órgão da vida feminina e a menstruação seria prova de seu poder. Ao mesmo tempo em que alguns teóricos propuseram a existência de um instinto materno nas mulheres, alertavam para evitar o desenvolvimento inadequado de um apetite sexual, sendo, inclusive, uma das metas da educação das mulheres jovens. Essa contradição indica o desconhecimento da sexualidade feminina, pois, se houvesse um caráter inato na mulher quanto ao amor materno, por que seria preciso afastar as meninas, desde a infância, de qualquer realidade sexual?

Na terceira seção – “Sexualidade feminina” –, apresentamos e discutimos a experiência de Ida Bauer, por meio da publicação do *Caso Dora*, texto em que Freud relatou clinicamente a história de uma jovem mulher que o ensinou a escutar o inconsciente e, ao mesmo tempo, denunciou a subserviência da mulher às relações de saber e de poder de sua época. Analisamos os discursos médico, político e social implicados na sexualidade imposta à mulher a partir de textos de Foucault e textos de autoras e autores fundamentados na psicanálise a partir de Freud e Lacan.

Com base no caso da jovem Ida Bauer, notamos a revolução do pensamento freudiano, ao propor a histeria como um modo ativo e barulhento, inventado pelas mulheres, para protestar contra as opressões que lhes eram impostas pela cultura. As teses freudianas sobre a sexualidade infantil possibilitaram outra compreensão para a histeria e para a sexualidade: ao subjetivar o desejo feminino, tais teses comprovaram que as mulheres histéricas adoeciam no corpo. Isso colaborou para que a histeria fosse considerada um modo de funcionamento do desejo – em mulheres e em homens – e não mais uma doença. Freud, com isso, denunciou a opressão sexual à qual estavam submetidas as mulheres, mesmo que não tenha enfatizado que as mulheres se encontravam extremamente insatisfeitas com sua condição social como mulheres.

Ao sustentar a sexualidade infantil como prática perverso-polimorfa, a teoria freudiana antecipou o que a pesquisa de Foucault veio a evidenciar quanto à moderna invenção de fronteiras entre masculino e feminino, hetero e homossexualidade, falsas fronteiras que culminaram em pseudodemarkações entre ‘normal e patológico’. No segundo volume de *História da sexualidade*, Foucault discute a sexualidade evidenciando que, entre os gregos da Antiguidade, não havia oposição entre o que é exclusivo da sexualidade feminina ou da sexualidade masculina, ou seja, essas duas posições não eram excludentes entre si. A pesquisa foucaultiana sobre a *erótica* sustenta nosso problema de pesquisa, ao articularmos a *parrhesía* à abertura de possibilidades, seja na construção ou na expressão da feminilidade da mulher.

Na quarta seção – “Mulheres *parrhesiástas*” –, defendemos a afirmação de que a mulher não se inscreve totalmente na norma fálica. Para isso, apresentamos e discutimos a narrativa de mulheres autoras – filósofas, psicanalistas, escritoras, poetisas –, que ocuparam lugares ditos masculinos, percorrendo caminhos tangenciais ousados: Safo de Lesbos e Aspásia de Mileto, na Antiguidade; Hildegarda de Bingen e Christine de Pisan, na Idade Média; Mary Wollstonecraft e Marie-Olympe de Gouges, no século XVIII; Lou Andreas-Salomé e Gabriela Mistral, no século XIX e início do século XX; e a brasileira Nísia Floresta. A partir da obra *Filósofas: a presença das mulheres na filosofia*, organizada pela brasileira Juliana Pacheco (2016), evidenciamos a importância de pesquisas dedicadas ao reconhecimento da produção intelectual das mulheres na filosofia, na medicina, na vida pública em geral. Indagamos também a permanência do não reconhecimento da participação das mulheres em atividades intelectuais, sociais e políticas. Enfatizamos, com isso, a visibilidade e a invisibilidade das mulheres escritoras/autoras em diferentes contextos.

Nesta seção, ao recolher a narrativa daquelas mulheres, à luz da teoria psicanalítica, propomos pensar que elas agiram *impulsionadas* menos pela repetição que provocaria o gozo fálico e mais pela experiência de um gozo suplementar. Agiram como mulheres não ‘iguais aos homens’, elas são, portanto, não homens, não se dizem um “todo”, são, cada uma de modo peculiar, ‘não toda’. Propomos que são mulheres merecedoras da denominação *parrhesiástas*.

Com a lacaniana Colette Soler (2005), argumentamos que mesmo que as mulheres já não sejam como aquelas descritas no início do século XX, as mudanças da realidade não bastam para nos livrarmos da tese freudiana sobre o inconsciente e a pulsão, e discutimos, a partir desses conceitos, a complexa articulação entre feminilidade, corpo e sexualidade feminina.

Com Gerárd Pommier (1991), mostramos que a mulher foi descrita como um mito encarnado, sempre estranho, marcado pela extravagância, ao qual cabe todo o amor. A história indicaria que os atos de amor se endereçam quase sempre à mulher, inclusive quando uma mulher ama um homem ela se encontraria em uma posição masculina, ou seja, essa mulher encenaria, para além desse homem, o lugar que outrora foi de outra mulher: a mãe. De um lado, a mulher ocupando-se da posição de mãe; nessa perspectiva, encarnaria a Outra mulher. Por outro lado, a mulher que quer mais do que ser amada, sairia de uma posição passiva para uma ativa. Ser amada implica, portanto, passividade e um *quantum* de sofrimento, tratando-se de uma posição que se confronta com aquilo que o gozo tem de mais devastador. Devastador no sentido da não atividade e do sofrimento psíquico naquelas mulheres que cedem de seu desejo em obediência ao desejo daqueles que a tomam como seu objeto de amor/gozo.

A partir de Paul-Laurent Assoun (1993), evidenciamos a mulher como aquela que Freud suspeitou ter permanecido como uma verdade impermeável ao saber que ele produziu a seu respeito. A mulher deu corpo ao enigma do inconsciente, nela havendo uma incongruência entre o que ela deseja e o que quer. Justamente no momento de passar da teoria do desejo da mulher para o querer propriamente dito é que a bússola da psicanálise enguiça. Freud se afastou muito dos discursos de naturalização e/ou de misticismo sobre a mulher, no final de sua teoria.

Com Foucault (2014; 2002), em *Aulas sobre a vontade de saber e A verdade e as formas jurídicas*, analisamos as consequências da psicopatologização da feminilidade e defendemos a *parrhesía* como prática ou técnica do dizer-a-verdade sobre si mesma, operada pela mulher, como ato que possibilita a expressão da feminilidade. Sustentamos ser por meio da impetuosidade dos seus atos de coragem, por meio de práticas do franco-falar, que a mulher reconhece em si mesma a indagação *que queres?* Ou seja, o agir *parrhesiásta* produz abertura e condições para contornar e/ou enfrentar os dispositivos de saber e poder a ela impostos.

Ao final deste estudo acerca da feminilidade, reafirmamos o enigma insolúvel da feminilidade, ligado à sexualidade e à diferença sexual. Constatamos que a palavra ‘sexo’ provém do latim *secare*, que significa cortar, dividir, separar. Disso, orientadas pela filosofia e pela psicanálise, depreendemos que o sujeito do inconsciente não tem sexo, ele *é* o sexo, a divisão, o corte. Além disso, enfatizamos que histeria e feminilidade se diferem em relação ao gozo. Nesse sentido, o discurso histórico indica a condição de alguém que não quer saber sobre sua própria divisão subjetiva.

No entanto, para além de formular respostas para a questão ‘O que quer uma mulher?’, esta Tese discute ‘O que quer o feminino na mulher?’. Consoante a Colette Soler, precisa em suas elaborações conceituais, afirmamos que a mulher histórica estaria não no registro do ‘não-todo’, mas, antes, identificada ao que está sujeito à castração. Na histeria haveria uma amarração ao circuito fálico, o que manteria a mulher – ou um homem – submetida à lógica do ter o falo, assumindo o lugar daquela que não o tem, dedicando-se à sua conquista por meio de suas infundáveis reivindicações, sem implicar-se nessas reivindicações. Em síntese, na histeria não haveria o reconhecimento do sexo da mulher como enigma, permanecendo inscrita na dolorosa relação com o *falo*. Por outro lado, exercendo a feminilidade, a posição da mulher estaria demarcada pelo reconhecimento de que seu sexo – e a sua sexualidade – permanece um enigma. Trata-se mais de uma posição de abertura para a feminilidade, para o ‘querer’ da mulher, manifestado em ato por meio da *parrhesía*, do que uma resposta para esse enigma.

REFERÊNCIAS

- ASSOUN, Paul-Laurent. *Freud e a mulher*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.
- COLLI, G. O desafio do Enigma. In: *O nascimento da filosofia*. Trad. Frederico Carortti. São Paulo: UNICAMP, 1992.
- FOUCAULT, M. *A hermenêutica do sujeito*. Trad. Márcio A. da Fonseca e Salma T. Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 2010a.
- FOUCAULT, M. *O governo de si e dos outros*. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2010b.
- FOUCAULT, M. *A coragem da Verdade*. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2011.
- FOUCAULT, M. *Le Courage de la vérité: Le gouvernement de soi et des autres II: Cours au Collège de France*, 1984. Paris: Seuil, 2009.
- FOUCAULT, M. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 2006.
- FREUD, S. [1905]. Fragmento de análise de un caso de histeria. In: *Sigmund Freud Obras completas*, vol. VII. Buenos Aires: Amorrortu, 1995a.
- FREUD, S. [1905]. Fragmento da Análise de um caso de Histeria (O caso Dora). In: *Sigmund Freud Obras completas*, vol. VII. Trad. James Strachey. Rio de Janeiro: Imago, 1986.
- FREUD, S. [1924] O declínio do complexo de Édipo. In: *Amor, sexualidade, feminilidade* (Obras Incompletas de Sigmund Freud). Trad. Maria Rita Salzano Moraes. Belo Horizonte: Autêntica, 2018.
- FREUD, S. [1925] Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos. In: *Amor, sexualidade, feminilidade* (Obras Incompletas de Sigmund Freud). Trad. Maria Rita Salzano Moraes. Belo Horizonte: Autêntica, 2018.
- FREUD, S. [1931] Sobre a sexualidade feminina. In: *Amor, sexualidade, feminilidade* (Obras Incompletas de Sigmund Freud). Trad. Maria Rita Salzano Moraes. Belo Horizonte: Autêntica, 2018.
- FREUD, S. [1933] Feminilidade. In: *Amor, sexualidade, feminilidade* (Obras Incompletas de Sigmund Freud). Trad. Maria Rita Salzano Moraes. Belo Horizonte: Autêntica, 2018.
- FREUD, S. [1937]. *Lou Andréas-Salomé*. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Trad. James Strachey. Rio de Janeiro: Imago, 1986.
- PACHECO, J. (Org.) *Filósofas: a presença das mulheres na filosofia*. Porto Alegre: Editora Fi, 2016.
- LACAN, J. *O Seminário: livro 17: o avesso da psicanálise*. Trad. Ari Roitman. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.

LACAN, J. Deus e o Gozo d'A mulher. In: *O Seminário: livro 20: Mais, ainda* (1972-1973). Tradução: M. D. Magno. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

LAQUEUR, Thomas. *Inventando o sexo. Corpo e gênero dos gregos a Freud*. Trad. Vera Whately. Rio de Janeiro: [editora], 2001.

NUNES, S. *O corpo do diabo entre a cruz e a caldeirinha*. São Paulo: Civilização Brasileira, 2000.

PADOIN DALLA ROSA, M. I., & DREHER HEUSER, E. M. (2023). Antígona, parrhesía e feminilidade. *Psicologia Argumento*, 41 (113).
<https://doi.org/10.7213/psicolargum.41.113.AO03> Disponível em:
<https://periodicos.pucpr.br/psicologiaargumento/article/view/29933>

PADOIN DALLA ROSA, Miriam Izolina. “*O Que Quer Uma Mulher?*”: uma experiência *parrhesiásta* em torno dos enigmas da feminilidade. 216 f. Tese (Doutorado em Filosofia) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná - UNIOESTE, Toledo, 2022. Disponível em: link da tese constante no sistema de bibliotecas da UNIOESTE, pesquisar em: https://tede.unioeste.br/bitstream/tede/6171/2/Miriam_Dalla_Rosa_2022.pdf

POMMIER, G. *A exceção feminina, os impasses do gozo*. Trad. Dulce M. P. Duque Estrada. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1991.

ROSENFELD, K. H. *Sófocles e Antígona*. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

SÓFOCLES. *Antígona*. Trad. Millôr Fernandes. 7 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

SOLER, C. *O que Lacan dizia das mulheres*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

WOLLSTONECRAFT, M. *Reivindicação dos direitos da mulher*. Trad. Ivania Pocinho Motta. São Paulo: Boitempo, 2016.